

Prefácio

Um percurso epistemológico sobre os sujeitos e suas linguagens nas artes

Lucas Piter Alves-Costa

Paulo Eduardo Ramos

Sob o título *Artes: relações entre sujeitos e sentidos na educação*, este dossiê explora as interseções entre artes e sujeitos, destacando como as linguagens artísticas moldam e são moldadas por experiências de identidade, subjetividade e educação. Em outros termos, o dossiê aborda aspectos teóricos e metodológicos sobre o uso das artes pelos sujeitos que as criam, que as interpretam e que se relacionam com elas, considerando os sentidos produzidos e negociados nesses processos, e como eles contribuem com a educação.

Nesse contexto, as artes desempenham um papel fundamental na sociedade, exercendo funções diversas, que vão desde a expressão e a liberação de emoções – promovendo a catarse –, até o entretenimento e o prazer, através da função lúdica. Além disso, as artes também valorizam o belo – em suas subjetividades – e as suas formas, cumprindo uma função estética. Elas também questionam e desafiam as normas e os valores sociais, exercendo uma função crítica. A comunicação e a troca de ideias e significados também são facilitadas pelas artes, que permitem a interação e o diálogo entre os sujeitos.

Os artigos que compõem este dossiê são de uma sensibilidade ímpar, e ajudam a compreender a natureza multidimensional do sujeito que se imprime nas diferentes semioses envolvidas nas artes. O leitor é convidado a trilhar um percurso epistemológico sobre os sujeitos e suas linguagens, e sobre como essas linguagens contribuem para edificar a educação, ora como instrumento, ora como objeto de estudo em si, ora como meio de formação do sujeito em suas dimensões psíquica, social, cultural, etc.

O sujeito e suas dimensões

A ideia de sujeito que formulamos aqui é composta pela soma das suas dimensões psíquica, biológica e social ou sociocultural, todas mediadas pela sua dimensão discursiva, que envolve as linguagens; e que, por sua vez, se organiza em diferentes áreas do saber – como a Psicanálise, a Psicologia, a Biologia, a Neurociência, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Educação, etc., para ficarmos só em alguns exemplos, por assim dizer, científicos. Mas não podemos esquecer que há também a formulação de um sujeito na Religião, no Direito, na Moda, na Política, na Economia, etc.

A maiúscula para designar esses campos é proposital: trata-se devê-los como instituições discursivas que detêm relativa autonomiaumas em relação às outras. São universos de saber, no sentido arquegenealógico de Foucault (2008), que engendram seus próprios objetos de interesse; seus próprios sujeitos agentes, com papéis bem definidos, que garantam os seus lugares de fala; suas próprias práticas rituais, que sustentam essas instituições, tais como elas são, em sua autonomia relativa e distinção (Alves-Costa, 2021).

Há um sujeito perpassando todos esses campos, ora como objeto, ora como agente que ajuda a construir sua própria percepção de sujeito. E, sem dúvidas, há noções de sujeito nos campos das Artes (aqui, tomada como a totalidade das áreas, como as Artes Cênicas, a Literatura, os Quadrinhos, as Artes Plásticas, o Cinema, etc.). Nosso interesse em trazer para o centro do debate a relação entre Artes, sujeitos e sentidos é devido ao fato de que, nas muitas formas artísticas, a língua, como principal sistema semiótico mediador de sentidos, relaciona-se com outras semioses que não estritamente verbais, ampliando, assim, a complexidade da noção de sujeito como resultado das linguagens expresso em sua multidimensionalidade.

Reconhecer que o sujeito tem uma dimensão psíquica é admitir que ele tem uma interioridade complexa, que extrapola em muito a percepção que se tem dele em âmbito biológico e social; e que essa interioridade influencia suas ações e sua compreensão do mundo. Em termos gerais, a dimensão psíquica se refere aos processos e estados mentais que moldam o indivíduo, inclusive em sua relação com as dimensões biológica e social.

Por sua vez, dizer que o sujeito tem uma dimensão social ou sociocultural é levar em consideração toda a sua existência social como ser agente. Aqui, estamos considerando o social como a cultura, as instituições, o trabalho, etc., tudo aquilo que constitui uma sociedade na qual o sujeito está inserido, e, é claro, os campos artísticos.

Portanto, não há uma dimensão social idêntica para todos os sujeitos, pois é da natureza das sociedades serem heterogêneas.

Por fim, o que nos interessa na percepção da dimensão biológica do sujeito não é sua mera matéria orgânica, mas sim como essa matéria é investida de sentidos, tornando-se um signo em si, ou, até mesmo, um suporte, um instrumento, um veículo, como nas artes performáticas. Assim, entender a dimensão biológica do sujeito é enxergar a influência do discurso sobre as formas masculinas e femininas, sobre corpos saudáveis, bonitos, padronizados, doentes, imperfeitos, marcados por cicatrizes ou idade.

Em resumo, a dimensão psíquica influencia as ações e a compreensão do mundo. A dimensão social envolve a cultura, as instituições, o trabalho, os campos artísticos, sendo heterogênea por natureza. A dimensão biológica, por sua vez, é investida de sentidos, tornando-se signo ou suporte, como nas artes performáticas. Essas dimensões se manifestam de maneira singular nas artes, onde a expressão criativa se torna um espaço de negociação de sentidos e de formação identitária.

Artes cênicas – entre o estático e o mutável

Pegando a deixa da seção anterior, como fazem os atores no palco quando dão continuidade à cena, podemos dizer que o corpo humano é um elemento primordial na formação da identidade individual. Segundo as proposições do antropólogo Davi Le Breton (2012), o corpo é a matéria-prima da expressão e da compreensão da cultura em que estamos inseridos. Por meio dele, as normas sociais e comportamentais são internalizadas e expressas, criando assim um discurso próprio e singular de cada indivíduo. O corpo é, portanto, uma materialidade discursiva que faz parte da nossa construção social e identitária.

Consideradas a segunda arte, as Artes Cênicas abarcam o Teatro, a Dança e outras artes performativas. Nelas, o corpo é o principal instrumento de comunicação do sujeito. Através de gestos, expressões faciais e movimentos, o ator (aqui, no sentido de agente, que age) transmite emoções e ideias ao público. Ainda para Le Breton (2012), o corpo é “a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator” (Le Breton, 2012, p. 10).

A formação do sujeito no teatro e na dança envolve a conscientização do corpo como uma ferramenta de expressão e comunicação. Neste dossiê, temos cinco artigos que exploram a subjetividade, a corporeidade e a performatividade a partir de diferentes modelos teórico-metodológicos.

No artigo *A experiência teatral com a abordagem somática: uma exploração da obra Flicts, de Ziraldo*, de Isadora Ferreira Lima Bevílaqua e André Luiz Lopes Magela, os autores discutem o potencial pedagógico da abordagem somática para a exploração de experiências teatrais como meio de fomentar o desenvolvimento intelectual, emocional e social em crianças do Ensino Fundamental I (6 a 10 anos), a partir de uma inter-relação entre oficinas realizadas com jogos teatrais e a exploração da obra *Flicts*, de Ziraldo. O trabalho rompe o senso comum que atribui ao Teatro, ou às Artes Cênicas como um todo, uma relação quase exclusiva com a indústria do entretenimento ou com o setor cultural de massa, e faz ver que o teatro transcende o campo do entretenimento, uma vez que ele pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo, emocional e/ou físico das pessoas envolvidas com essa arte.

A educação somática permite a *naturalização* do corpo *natural*, rompendo os dispositivos impostos pela Moda, pelas Mídias, pela Estética, pela conjuntura capitalista que seleciona os corpos consumíveis e produtivos, pois:

[...] as práticas somáticas não buscam caracterizar ou moldar os corpos dos e das participantes, elas contribuem para que cada um e cada uma encontre as suas características e respeite seu modo de se movimentar e de viver (Pedrotti; Berselli, 2021, p. 104).

Prosseguindo, no artigo *Teatro como técnica de si*, Gabriel Fontoura Motta discute as relações entre filosofia, dramaturgia e subjetividade a partir da criação do audiodrama *Los Ciegos* (2023), adaptação da peça de teatro simbolista de Maurice Maeterlinck, “Os Cegos” (1890), realizada com não atores acima de 60 anos. O texto relata a experiência que o autor teve com pessoas idosas em aulas à distância, *online*, de teatro e espanhol. É um exercício de forte *conexão*, não meramente a conexão digital, mas a conexão humana, conexão essa que a distância física e geracional tende a eliminar. Tanto o artigo, quanto o trabalho relatado, são convites ao reconhecimento das diferenças, das singularidades e das semelhanças dos sujeitos:

Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária. É o que se chama de *princípio de alteridade*. Esta relação ao outro se institui através de trocas que fazem com que cada um dos parceiros se reconheça semelhante e diferente do outro. Semelhante: na medida em que, para que uma relação exista entre seres humanos, é necessário que estes compartilhem, ainda que parcialmente, as mesmas motivações, as mesmas finalidades, as mesmas intenções. Diferente: na medida em que cada um desempenha papéis que lhe são próprios e que, em sua singularidade, cada um tem finalidades e intenções que são distintas das do outro (Charaudeau, 2009, p. 1, versão online).

O trabalho de Motta, relatado no artigo, potencializa o desenvolvimento do poder cognitivo em flexibilidade à alteridade, permitindo que os alunos se conectem com o grupo e criem cenas hipotéticas em um espaço virtual. Essa pulsão criativa foi o cerne do encontro síncrono e foi fundamental para o processo criativo. A experiência com pessoas idosas mostra o potencial do teatro para fomentar a leitura ativa, a autoconsciência e a interpretação crítica de conteúdos digitais, reduzindo o consumo automático e promovendo um cuidado consigo. O trabalho também explora como as práticas digitais moldam a subjetividade, sugerindo uma escuta prévia do audiodrama *Los Ciegos* para melhor compreensão.

O artigo intitulado *Teatro do oprimido na sala de aula de ensino de arte*, de Fabíola Garcia de Oliveira, traz um relato de uma experiência vivida em sala de aula, evidenciando a importância do método de Augusto Boal, na formação estética e crítica do aluno. O texto aborda a aplicação dos jogos e dos exercícios do *Teatro do Oprimido* como uma ferramenta educacional poderosa para promover a expressão, a aprendizagem e a luta social em alunos da Educação Básica. Com o objetivo de transformar o sujeito de passivo em ativo, protagonista de sua própria história, o método de Boal, como mostra a autora, incentiva a conscientização e a emancipação através da ação dramática. A experiência da autora, uma professora de Arte atuante em escola pública e com formação em Educação Artística (Artes Visuais), mostra que o *Teatro do Oprimido* é viável em aulas de 50 minutos, mesmo sem um espaço cênico apropriado ou formação específica em Artes Cênicas. A autora ressalta que usar o corpo cenicamente é uma tarefa que exige concentração, seriedade e entendimento.

Wellington Silva Saraiva e Tharyn Stazak de Freitas, autores do artigo *Teatro performativo na escola: possibilidades para uma educação problematizadora*, trazem uma reflexão crítica acerca da experiência em um processo de criação artística, desenvolvido com estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública, na cidade

de Fortaleza, CE. A pesquisa explora a interseção entre práticas artísticas e o ensino de Arte na Educação Básica, focando no Teatro Performativo, de Josette Féral, como uma lente para compreender a formação do sujeito e a subjetividade na contemporaneidade. O estudo propõe uma abordagem crítico-problematizadora, inspirada em Paulo Freire, que estimula a sensibilidade e a experiência cultural dos estudantes do Ensino Médio.

O Teatro Performativo é caracterizado por sua ruptura com a representação tradicional, enfatizando a performance, a presença e o acontecimento, convocando o espectador a experimentar e performar junto ao artista. A performatividade, em oposição à teatralidade, dissolve fronteiras, promove a indeterminação e questiona os códigos estabelecidos, abrindo espaço para a criatividade, a inventividade e uma nova escrita cênica. Assim, o teatro se torna uma ferramenta para a construção de subjetividades, promovendo um engajamento ético, político e estético com o mundo.

Por sua vez, o artigo *Entre o corpo e a cadeira: modos performativos de ocupação em dança*, de Laís Julie Brasil Breyton e Ana Maria Rodriguez Costas se dedica a examinar a relação entre o corpo e o objeto cadeira a partir de percursos práticos-performativos na exposição *PEDAGOGIA*, do artista Paulo Nazareth; e em uma oficina performativa, com estudantes do PROFIS/Unicamp. O artigo explora a relação profunda e performativa entre o corpo e o objeto, tomando a cadeira como um elemento provocador de transformações sensíveis e subjetivas. As autoras revelam como a alteração do uso cotidiano da cadeira pode ativar percepções do corpo e da subjetividade, intensificando a presença corporal no mundo e reconfigurando o objeto como um “outro” vivo e transformador. As autoras propõem libertar o objeto de sua utilidade e significação, tornando-o uma “coisa” capaz de despojar sujeitos e objetos de suas armadilhas, promovendo uma relação sensível e criativa. A dança emerge como uma área potente para observar, refletir e transformar essa relação, abrindo espaço para um corpo mais atento, criativo e conectado às sutilezas do encontro com o outro – seja ele um objeto, um espaço ou uma pessoa. A cadeira se torna protagonista de um jogo lúdico entre o ordinário e o extraordinário, convidando a reinventar a corporeidade e a subjetividade em relação ao mundo.

Música e outras artes como recurso educativo

Por sua vez, conhecida como a primeira arte, a Música, que também se mostra objeto deste dossiê, vai além de simples entretenimento; ela atua como herança cultural e molda identidades. Com o objetivo de investigar como o estilo musical sertanejo, amplamente difundido no Brasil, pode ser empregado para aprimorar habilidades linguísticas, ampliar o repertório cultural dos estudantes e estimular a análise crítica de identidades e representações sociais, o artigo *Música sertaneja na sala de aula: uma proposta para o ensino de língua portuguesa e para a formação de identidade cultural*, de Angélica Mello da Silva e Lucas Piter Alves Costa, traz uma proposta de sequência didática à luz da Semiolinguística.

O trabalho com música sertaneja nas escolas permite abordar as representações que foram sendo construídas sobre a vida no sertão e sobre o sujeito sertanejo. Do sertanejo raiz, passando pelo sertanejo romântico, sertanejo universitário, e chegando ao sertanejo pop, vê-se que as representações desses sujeitos foram mudando, estando elas intimamente ligadas ora à terra, ao gado, ao plantio; ora às relações amorosas inconclusivas, ora às festas na cidade e ao distanciamento do campo, ora à ostentação do poder econômico do agronegócio. Na perspectiva semiolinguística idealizada por Charaudeau (2017), chamamos essas formas de ver de imaginários sociodiscursivos. Conforme explica Charaudeau:

[...] o imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante (Charaudeau, 2017, p. 578).

Lucas Lenin Resende de Assis, em seu artigo intitulado *Quando a terra canta: a potência epistemológica das artes na agroecologia*, vê a arte como prática política e como linguagem legítima de produção e de circulação de saberes no contexto da agroecologia. O texto vai além do uso da música no campo; aborda as artes em geral, como pintura, encenações, etc. Para o autor, a arte assume importante papel na reconstrução da memória, na afirmação da identidade camponesa e na denúncia das violências territoriais, contrapondo-se à negação e à invisibilização de seus sujeitos.

O texto merece destaque por lançar luz ao estatuto das artes como áreas de saberes pragmáticos, superando, e muito, a visão de que a produção e fruição artísticas são limitadas ao prazer e ao entretenimento. Ademais, a potência epistemológica das artes na

agroecologia abala as estruturas elitistas que sustentam as artes nos centros urbanos, levando o leitor a questionar o papel instituído e instituinte dos agentes do campo artístico.

Forma, conteúdo, função na ilustração científica

A arte pode servir à ciência? Ao abordar a ilustração científica como expressão artística e lúdica, as autoras Laryssa Aguiar Lima, Ana Clara Barbosa Santana, Sophia Batista Leite e Andrea Karla Almeida Santos, em seu artigo *Atividades lúdicas como instrumento de divulgação científica em unidades de conservação*, mostram como a divulgação científica é um mecanismo essencial para a conscientização da sociedade acerca da importância da preservação ambiental. As atividades propostas no artigo unem o prazer de colorir à emergente necessidade de conhecimento do meio ambiente, em especial, da flora local. Os alunos são, ao mesmo tempo, autores e destinatários da atividade pedagógica, pois aprendem se divertindo. A imagem é, desde os primórdios da humanidade, forte meio de comunicação.

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e de comunicação. Quer ela seja expressiva ou comunicativa, podemos admitir que uma imagem constitui sempre uma *mensagem para o outro*, mesmo quando este outro é o próprio autor da mensagem. É por isso que uma das precauções necessárias a tomar para melhor compreender uma mensagem visual é procurar para quem ela foi produzida (Joly, 2007, p. 61).

É sabido que a ilustração científica exige os requisitos técnicos preconizados pela arte do desenho e da pintura, mas não faz parte do circuito da arte como objeto de deleite, de *status* e de premiações. Olhar para a ilustração científica pelo viés da arte suscita uma discussão interessante, que, certamente, merece ser feita. O uso da ilustração científica no entremeio da arte e da divulgação da ciência como forma de letramento ambiental favorece a conscientização dos sujeitos envolvidos e a valorização da natureza, uma vez que a Arte, em geral, não apenas reproduz o mundo, mas, sobretudo, faz vê-lo.

A nona arte e a potencialidade da linguagem

A nona arte, como são chamados os Quadrinhos, também tem lugar neste dossier. São quatro artigos que versam sobre temas diferentes em torno dessa arte. As autoras Amanda Ferraz de Oliveira e Silva, Irene de Oliveira Ribeiro e Rafaela Aparecida Medeiros de Almeida investigam a integração das artes no ensino de Língua Portuguesa, com foco nas teorias dos multiletramentos e dos gêneros textuais, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O estudo explora como a história em quadrinhos (HQ), um gênero multimodal, pode ser empregada como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de competências de leitura e produção textual no ensino fundamental. Em seu artigo *Arte e Educação: A história em quadrinhos como ferramenta pedagógica e suas contribuições à abordagem por gêneros e aos multiletramentos*, o leitor poderá compreender um pouco da complexidade da semiótica das histórias em quadrinhos, e como a necessidade de um letramento visual se faz presente para a formação de leitores proficientes em uma sociedade cada vez mais verbovisual em suas produções textuais. A proposta para a sala de aula, que tem forte apelo visual, se coaduna com o pensamento de Bazerman (2011), que afirma que:

Uma vez que os alunos se sintam parte da vida de um gênero, qualquer um que atraia a sua atenção, o trabalho duro e detalhista de escrever se torna irresistivelmente real, pois o trabalho traz uma recompensa real quando engajado em atividades que os alunos consideram importantes (Bazerman, 2011, p. 34).

O artigo *Glauco Villas Boas em perspectiva: pesquisas acadêmicas, obras e análises empreendidas (1977-2024)*, de Alex Caldas Simões e Kedson de Oliveira Bertazo, busca resgatar o legado de Glauco Villas Boas, um expoente da Geração Circo e referência nos quadrinhos adultos de humor cotidiano no Brasil. A partir de uma revisão de literatura no Google Acadêmico, de 1977 a 2024, os autores buscam identificar, descrever e analisar a obra de Glauco e as pesquisas acadêmicas sobre ela, mapeando as obras e personagens mais estudados, os principais pesquisadores, temas, conclusões e impactos, visando uma síntese crítica desse importante contributo para os quadrinhos e para a sociedade. O trabalho em questão contribui, ainda, para a percepção da imagem de autor construída para o nome de Glauco, pois fornece uma visão geral do alcance de sua obra no meio acadêmico.

De Paloma Nascimento dos Santos, o artigo *A primeira Lanterna Verde negra: afrofuturismo e subjetividades em Far Sector (Setor Final)*, de N. K. Jemisin e Jamal

Campbell, ajuda a preencher a lacuna de pesquisas sobre personagens negros, em especial em histórias em quadrinhos; e evidencia que as propostas afrofuturistas para os quadrinhos nascem a partir de um entre-lugar (reconstrução de personagens tradicionais, mas ainda assim em selos que são considerados alternativos), sendo escritos e ilustrados por pessoas negras comprometidas em organizar um imaginário negro que articule crítica política e esperança narrativa. Segundo a autora, a personagem e heroína de *Far Sector*, Jo Mullein, surge como a representação de um sujeito complexo, presente em contextos violentos, os quais o leitor poderá fazer um paralelo com questões de nosso tempo. Ela mostra como a subjetividade negra em futuros tecnológicos não aparece apenas como representação, mas como uma posição que evidencia que o futuro é um lugar/tempo de disputa, por meio do pano de fundo do afrofuturismo.

Diferentemente do artigo supracitado, que tem olhos para o futuro, o próximo tem um olhar crítico sobre o passado. O artigo de Vitor Callari, intitulado *Educar para não esquecer: ensino de História e HQs como instrumentos de preservação da memória*, é um trabalho que lança luz a essa necessidade emergente. O artigo reflete sobre o potencial das histórias em quadrinhos como ferramentas didáticas na preservação da memória histórica da Shoah a partir da análise das histórias em quadrinhos *Segredo de Família* e *A Busca*, de Eric Heuvel; e da adaptação em quadrinhos de *O Diário de Anne Frank*, de Ari Folman e David Polonsky. “Texto e leitor estão em constante movimento. Pelo que, formar leitores é formar para a compreensão do movimento histórico em que texto e leitor se veem envolvidos em toda leitura” (Berticelli; Schiavini, 2013, p. 10).

O texto de Callari nos permite ver que onde há emoção, podemos dizer que há memória. Recordar, seja de forma pessoal ou coletiva, é parte constitutiva de nossa identidade e de nossa percepção de mundo. Dos muitos eventos históricos caros à humanidade, o Holocausto é um que não deve ser esquecido. Com o crescente descrédito que a Ciência tem sofrido, em especial, as Ciências Humanas, com a onda negacionista e revisionista, é necessário pensar formas éticas, didáticas e eficientes de abordar eventos históricos em sala de aula. As histórias em quadrinhos, com seu apelo visual, aliado a uma percepção crítica da linguagem e dos acontecimentos, é um recurso didático poderoso para o ensino de História.

O sujeito da memória e o espaço físico

Ainda sobre a memória como forma de resistência contra o tempo, podemos ampliar o debate para dizer que a relação da memória com o espaço físico é fundamental. O espaço físico não é neutro, ele é objeto de disputa e de investimento ideológico.

Os espaços físicos são investidos de (efeitos de) sentidos à medida que seus agentes fazem uso dele. Quando os agentes de um determinado campo se utilizam de um espaço físico já textualizado, eles o investem de outros sentidos, ao mesmo tempo que suas práticas vigentes são revestidas também dos sentidos desse espaço, em um processo dialógico (Alves-Costa, 2021, p. 186).

Quando um lugar recebe um nome, recebe também significados. Quando um lugar tem culturas enraizadas, abriga grupos sociais específicos, sedia eventos importantes, podemos dizer que se trata de um *território*: quando o lugar recebe a ação dos sujeitos, cuja identidade como grupo está atrelada às práticas e materialidades oriundas exatamente de tal lugar. Os lugares são palcos da vida, onde sujeitos performam suas identidades.

No artigo *Ressonâncias da memória, arte e travessias: a interseccionalidade feminina no Museu Casa Henriqueta Prates*, Tayara Barreto de Souza Celestino explora a trajetória de mulheres negras, como Henriqueta Prates e Edméa de Oliveira, no sudoeste baiano, destacando sua resistência e protagonismo em contextos marcados por silenciamentos e opressões. Contrapondo-se à visão tradicional que reduz a liderança feminina a papéis de cuidado, o artigo aborda a interseccionalidade, a partir da ótica de Carla Akotirene; e a ressonância, a partir de Hartmut Rosa, como formas de compreender a travessia dessas mulheres, que superam adversidades e criam espaços de memória e arte. O Museu Casa Henriqueta Prates é um exemplo de valorização dessas memórias, promovendo uma assimilação transformadora e desafiando estruturas patriarcais. A arte de Edméa de Oliveira, descrita como multifacetada, expressa a multiplicidade da experiência feminina negra, reforçando a importância da ressonância como modo de conexão com o mundo e resistência à alienação.

Palavras, palavras

A Literatura, muitas vezes considerada a quarta arte, emerge como um espaço potente de exploração do sujeito, da subjetividade e da identidade, desempenhando um

papel crucial na educação. Através das palavras, os autores criam universos que ressoam experiências humanas, permitindo aos leitores se reconhecerem e se transformarem. A literatura transcende a mera representação, tornando-se um ato de resistência e de autoconhecimento, em que as múltiplas vozes e narrativas desafiam normas e ampliam a compreensão de si e do mundo. Ao fomentar a empatia e a reflexão crítica, ela educa não apenas sobre a diversidade das identidades, mas também sobre a complexidade das relações humanas, convidando a uma travessia íntima e coletiva.

A construção da identidade é um tema central na sociedade pós-moderna, marcada pela multiplicidade e pela busca constante de sentido diante da velocidade tecnológica e da sensação de incompletude. O sujeito pós-moderno é caracterizado por uma identidade fragmentada e em constante transformação, influenciada pelas interações sociais e culturais.

Na infância, essa construção é especialmente sensível, ocorrendo por meio das relações com o ambiente e das experiências vividas. A literatura infantojuvenil surge como uma ferramenta poderosa para explorar essas questões, abordando temas como gênero, liberdade e pertencimento. Essa problemática toma forma no artigo *Construindo o Eu: A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga, e a construção da identidade por meio da literatura*, de José Ignacio Ribeiro Marinho. Na obra analisada, a protagonista Raquel, com seus desejos de ser adulta, menino e escritora, simboliza a luta interna do sujeito em formação, evidenciando como a literatura pode ajudar a dar voz às inquietudes e a construir narrativas do eu. Ao mesmo tempo, reflete sobre como o meio pode tanto apoiar quanto reprimir a expressão da identidade.

A morte e o luto são representados de maneiras distintas nas sociedades contemporâneas, muitas vezes associados à doença, degradação e velhice, levando a uma desvalorização do sujeito idoso. A experiência da morte e do luto é singular e influenciada por fatores como cultura, rede de apoio e circunstâncias da perda. Na formação em Psicologia, abordar essas questões é desafiador, mas essencial para um cuidado sensível. É essa a proposta do artigo *Educação para a velhice e a morte em A Máquina de Fazer Espanhóis, de Valter Hugo Mãe*, de autoria de Anna Clara Monteiro Basso, Artur Toledo Teixeira, Bruna Sandre Kono, Mariane Moraes Silva, Nathália Pereira Reis, Denise Stefanoni Combinato.

A leitura da obra de Hugo Mâe, pela ótica de profissionais de Psicologia, promove uma reflexão sobre a vida e a morte na velhice, destacando a importância da literatura na humanização e na educação para a morte. O protagonista, António, vivencia perdas múltiplas ao ser institucionalizado, mas encontra novos sentidos na amizade e na escrita, ilustrando o *continuum* vida-morte e a potência da subjetividade. A arte literária, segundo Vigotski, possibilita uma “catarse”, transformando emoções e promovendo uma reorganização das funções psicológicas.

O texto literário trabalha com a possibilidade do dizer. Ele se abre aos implícitos. O texto literário nunca é imune ao tempo e ao espaço; está sempre sendo ressignificado a cada leitura. Está, pois, “entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por [suas] razões” (Eco, 1979, p. 37). A *parcela* de “não-dito” de um texto literário é maior que a de um texto estritamente pragmático, pois sua situação de produção, por vezes, se encontra distante do destinatário. O texto literário é diferente de textos como uma receita de bolo, um manual de instrução, um tratado jurídico, uma certidão, dentre outros, que visam a um mesmo efeito no social, mesmo após a mudança de contexto. Ainda assim, o texto literário cumpre um papel fundamental na sociedade e na educação: ele é a porta de entrada para uma vida leitora.

No campo da leitura não existe pertinência de objetos: o verbo *ler*, aparentemente muito mais transitivo do que o verbo *falar*, pode ser saturado, catalisado por mil objetos diretos: leio textos, imagens, cidades, rostos, gestos, cenas, etc. [...]: o objeto que leio é fundado apenas pela minha intenção de ler: é simplesmente: *para ler, legendum*, pertencendo a uma fenomenologia, não a uma semiologia (Barthes, 2004, p. 32).

Por essa razão, a leitura literária, sobretudo na escola, é fundamental para a formação crítica, cultural e estética dos estudantes, especialmente no contexto digital do século XXI. A leitura literária é uma forma de ler textos que valoriza a experiência do leitor, tornando-o sempre um *leitor-modelo* (Eco, 1979). Com base nisso, o artigo ***Leitura e expressão multimodal no Ensino Fundamental: uma experiência pedagógica com a obra A Menina Sem Palavra, de Mia Couto***, de Adenilson Antônio de Paula Rosalia, Christiane Miranda Butchers de Almeida, descreve uma experiência pedagógica com alunos do 7º ano, utilizando a obra *A Menina Sem Palavra*, de Mia Couto, que explora a linguagem poética e questões sociais e culturais de Moçambique. O projeto incentivou a

leitura autônoma, a criatividade e a expressão multimodal (textual, visual, oral), promovendo o letramento literário e o desenvolvimento de habilidades, como interpretação crítica, empatia e valorização da diversidade. Integrando elementos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a experiência buscou formar leitores críticos e criativos.

O olhar do outro sobre o mesmo

O dossiê traz, ainda, duas resenhas. Fábio Luiz Nunes é autor da resenha da obra *Heidegger: el fracaso del ser*, de Arturo Leyte, sob o título *Heidegger: cartografias de um naufrágio ontológico*. Leyte mergulha na filosofia de Martin Heidegger, explorando a centralidade da questão do ser e seu “fracasso” como um eixo hermenêutico. Leyte analisa como Heidegger, em *Ser e Tempo*, busca resgatar o sentido do ser a partir do *Dasein* (“ser-aí”), um ente que comprehende o ser e se revela como temporalidade, desafiando a metafísica ocidental e a noção de sujeito cartesiano. A investigação percorre a virada do pensamento heideggeriano, no qual a verdade (*aletheia*) emerge como desocultamento, a arte como lugar de acontecimento da verdade, e a linguagem como “casa do ser”. O texto é um convite para se aprofundar não somente na filosofia de Heidegger, mas para buscar aceitar a complexidade inerente ao que se concebe sobre o sujeito.

Por seu turno, Vinícius Cassiano Campos Abreu e Márcia Regina Jaschke Machado, com a resenha *Clics en close*, permitem que o leitor se aproxime da obra *Quatro clics em Paulo Leminski*, de Rafael Fava Belúzio. Para a dupla de autores, a obra de Belúzio é um estudo aprofundado e original sobre a poesia de Leminski, destacando a síntese como eixo central de sua obra multifacetada. Com um enfoque teórico-conceitual rigoroso e um estilo ensaístico fluido, Belúzio explora quatro dimensões da síntese – zero zero, breve, par e reunião do diverso –, analisando poemas e contextualizando a produção do poeta curitibano em diálogo com a literatura brasileira. Sem perder a comunicabilidade, o livro redimensiona a obra de Leminski, revelando sua complexidade e sua atualidade, tornando-se uma leitura essencial para estudiosos da poesia contemporânea.

Em suma

O percurso sugerido de leitura deste dossiê foi cuidadosamente organizado para que o leitor possa perceber a relação íntima que as linguagens aqui elencadas têm com o sujeito, e que, assim como a língua é um fenômeno multidimensional, o sujeito também o é. Sendo o sujeito e os sistemas semióticos multidimensionais, podemos inferir que “o sentido não está em um único lugar – não está na intenção autoral, nos dados imanentes da linguagem, nem no olhar puramente subjetivo do leitor. Os sentidos estão sempre em circulação [...] (Santos; Oliveira, 2001, p. 17).

Assim, este dossiê convida o leitor a refletir sobre como as artes, em suas múltiplas linguagens, são fundamentais para a construção de sentidos, subjetividades e práticas educativas transformadoras.

REFERÊNCIAS

ALVES-COSTA, Lucas Piter. **Quadrinhos:** autorialidade, práticas institucionais e interdiscurso. [livro eletrônico]. Catu: Bordô-Grená, 2021. Disponível em: https://www.editorabordogrena.com/_files/ugd/d0c995_ed2c5da9d0034fa8af4aec746cd5eb7.pdf. Acesso em: 08 mai. 2025.

BARTHES, Roland. Da leitura. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 30-42.

BAZERMAN, Charles. A vida do gênero, a vida na sala de aula. In: BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Judith Chambliss Hoffnagel, Angela Paiva Dionísio (Orgs.); trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2011, p. 23-34.

BERTICELLI, Ireno Antônio; SCHIAVINI, Daniela Paula. Significados da pragmática linguística na formação de leitores. **Educação e Realidade**, v. 38, n. 02, p. 571-586, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rSY7YMyFqpbKQbjFmrhyNKH/?lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade-discursiva-o-fundamento-da-competencia.html>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Trad. André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em:

<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857>. Acesso em: 09 set. 2025.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p. 35-49.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 2007.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia Fuhrmann. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PEDROTTI, Amanda; BERSELLI, Marcia. Abordagens somáticas do movimento em oficinas de teatro para grupo híbrido em ambiente remoto. **Rascunhos**, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 93-105, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br> › rascunhos › article ›. Acesso em: 18 ago. 2025.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.